

INSTITUTO DO JOVEM

Mocidade Espírita _____

Tema: “Honrai vosso Pai e vossa Mãe”

Tempo: 1h

Instrutores: _____

Data: ____/____/____

OBJETIVOS:

Compreender o verdadeiro sentido do mandamento “Honrai vosso Pai e vossa Mãe”, entendendo o sentido profundo da palavra “honrar”, que como nos explicam os espíritos superiores, vai além do simples cumprimento de um dever, encerrando uma atitude por parte dos filhos de piedade em relação aos pais, devendo ser para com eles mais caridosos, em tudo que se diz respeito a caridade ordenada em relação ao próximo.

Entender que ao amor deve se juntar o respeito, as atenções, a condescendência, o cuidado em relação aos pais. Lembrando que aos pais sem recursos todas essas ações jamais devem ser esquecidas, pois na grande maioria das vezes, estes pais não pouparam esforços e sacrifícios para educar os filhos. Em relação aos pais que se esqueceram e se descuidaram dos seus deveres em relação, a atitude dos filhos deve ser a busca pelo esquecimento das faltas alheias e o perdão das ofensas, tão recomendado por Jesus, lembrando que Deus perguntará a estes mesmos pais: o que fizestes do filho confiado a ti?

Perceber que muitas vezes as dificuldades enfrentadas dentro do lar, são resultado do encontro na atual reencarnação de antigos desafetos do passado, pois como bem sabemos as famílias podem estar ligadas pelos laços das afeições mútuas ou pelos laços das antipatias cultivadas por nós mesmos no passado.

CONTEÚDO	TEMPO	PROCEDIMENTOS	RECURSO	PROVIDÊNCIA
		- Conforme os jovens forem entrando na sala, deverão receber um fitilho. O instrutor deverá solicitar que os jovens amarrem o fitilho no braço, para a realização de uma atividade durante a aula. Os fitilhos deverão ser de 4 cores diferentes, possibilitando assim a divisão dos grupos – (cores: verde, amarelo, azul e vermelho). - Prece Inicial	Fitilhos coloridos	Cortar os fitilhos nas cores determinadas
SLIDE OU CARTAZ 01 FAMÍLIA: LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS REPARADORAS	20'	<u>INTRODUÇÃO (20' sendo 8' p/ estudo em grupo e 12 p/explicação- 3' p/cada grupo)</u> - Os jovens devem ser divididos em grupo, de acordo com a cor dos fitilhos que receberam no início da aula. Os grupos	Textos para o estudo em grupo.	Imprimir os textos

INSTITUTO DO JOVEM

<p>“A família é, antes de tudo, um laboratório de experiências reparadoras, na qual a felicidade e a dor se alternam, programando a paz futura. Nem é o grupo da bênção, nem o élan da desdita. Antes é a escola de aprendizagem e redenção futura.” (Joanna de Ángelis, <i>S.O.S Família</i>, cap. II).</p> <p>“O mandamento: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe” é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe [...]”(Allan Kardec, <i>O evangelho segundo o espiritismo</i>).</p>		<p>receberão um texto para estudo, o instrutor deverá entregar a seguinte pergunta aos jovens: “O que significa Honrar pai e mãe, e o que o texto estudado nos mostra?” Após a leitura o representante de cada grupo responde à pergunta com base na leitura realizada.</p> <p>O instrutor deve fazer a mediação entre a pergunta norteadora e o texto lido em cada comentário</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Grupo Verde – O Grito de Cólera. (Livreto – T. Central pag.2) 2. Grupo Amarelo- Filha Rebelde. (Livreto t. central pag. 3) 3. Grupo Azul- Fama de rico (Livreto t. central pag.5) 4. Grupo Vermelho – Rebeldia (Livreto t. central pag. 6) <p>- Apresentação do Conteúdo Doutrinário através de slide ou cartaz</p>	<p>Slide ou cartaz com o conteúdo doutrinário.</p>	<p>Elaborar slide ou cartaz e separar material devido para determinados recursos</p>
<p style="text-align: center;">SLIDE OU CARTAZ 02 LAÇOS DE FAMÍLIA</p> <p>“Os laços do sangue não criam forçosamente os liames entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porquanto o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele mais não faz do que lhe fornecer o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo</p>	<p style="text-align: center;">15’</p>	<p style="text-align: center;"><u>DESENVOLVIMENTO</u> <u>(15’ –3’ explicar dinâmica / 2 mim.amarrar / 2’ p/correr entre os obstáculos e 6’ para alguns explicarem)</u> <u>- DINÂMICA: “LAÇOS DE FAMÍLIA”</u></p> <p>Manter a divisão dos grupos. Os jovens de cada grupo deverão se posicionar lado a lado e ter os tornozelos amarrados ao dos colegas ao seu lado. Cada grupo deverá se posicionar numa parede da sala e terá a tarefa de chegar “primeiro” ao lado oposto. A sala deverá conter no centro alguns obstáculos (cadeiras, garrafas plásticas)</p> <p>Os grupos devem realizar o percurso ao mesmo tempo.</p> <p><u>O que poderá acontecer:</u> o barbante começar a machucar, o barbante soltar, um ou outro impacientar-se, outros levarem somente na brincadeira e acabarem por atrapalhar, alguém assumir a voz de comando, etc.</p> <p style="text-align: center;">O importante é que todas as situações sejam muito bem</p>	<p>Pedaços de barbantes cortados, no tamanho adequado para realização da atividade.</p> <p>-garrafas plásticas, ou corda e/ou cadeiras para montar os obstáculos.</p>	<p>Cortar barbantes, separar as garrafas, cadeiras, deixando pré-montado o caminho</p>

INSTITUTO DO JOVEM

<p>progredir.” (Allan Kardec, <i>O Evangelho segundo o Espiritismo</i>, Cap. XIV, item 8)</p>		<p>trabalhadas como analogias a situações que acontecem em família.</p> <p><u>Significado do barbante:</u> é o laço que nos une em família. De que natureza é esse laço? É um laço somente de matéria? Quais são os verdadeiros laços de família? É um laço de afinidade ou de aversão?</p> <p><u>Significado de algumas situações:</u> O parente difícil ou que não se tem afinidade (as discordâncias na hora de se decidir como andar todos amarrados pelo barbante), aquele que quer abandonar a família (o barbante que se solta), aquele que sai ferido ou que fere (quando o barbante machuca).</p> <p>- Após ouvir a opinião dos jovens sobre a dinâmica, perguntar que relação eles acreditam que ela tem com a família.</p> <p>Em seguida, realizar as explicações em relação a dinâmica e o conteúdo doutrinário, destacando os laços de família, os motivos das dificuldades no lar e, mostrando que estas dificuldades se enfrentadas auxiliarão em nosso crescimento.</p>	<p>Slide ou cartaz com o conteúdo doutrinário.</p>	<p>Elaborar slide ou cartaz e separar material devido para determinados recursos</p>
<p>SLIDE OU CARTAZ 03 O PORQUÊ DAS DIFICULDADES DOMÉSTICAS</p> <p>“O colégio familiar tem suas origens sagradas na esfera espiritual. Em seus laços reúnem-se todos aqueles que se comprometeram, no Além, a desenvolver na Terra uma tarefa construtiva de fraternidade real e definitiva.” (Emmanuel, <i>O Consolador</i>, perg. 175).</p> <p>O CULTO DO EVANGELHO NO LAR</p>	<p>15’</p>	<p>- Após este momento, organizar a sala em círculo, cada jovem deve receber um pedaço de papel e uma caneta, o instrutor deve pedir para que cada um escreva uma dificuldade que os lares, as famílias enfrentam hoje em dia, após terem escrito, dobrar os papéis e colocar dentro de uma caixinha, realizando assim a brincadeira da “batata quente”, durante a brincadeira o jovem que parar com a caixa deve ler o problema e propor uma solução para aquela dificuldade.</p> <p>- Ler no máximo seis dificuldades e ouvir as propostas (em virtude do escasso tempo de aula).</p> <p>-Finalizar o momento apresentando o conteúdo doutrinário, sugerido o Culto do Evangelho no Lar como um auxílio para os problemas familiares.</p>	<p>Papel, caneta ou lápis. Caixa de sapato (ou outra).</p> <p>Slide ou cartaz com o conteúdo doutrinário.</p>	<p>Separar papel, caneta, lápis, elaborar a caixa.</p> <p>Elaborar slide ou cartaz e separar material devido para determinados recursos</p>

INSTITUTO DO JOVEM

<p>“Nunca poderemos enumerar todos os benefícios da oração. Toda vez que se ora num lar, prepara-se a melhoria do ambiente doméstico. Cada prece do coração constitui emissão eletromagnética de relativo poder. Por isso mesmo, o culto familiar do Evangelho não é tão só um curso de iluminação interior, mas também processo avançado de defesa exterior, pelas claridades espirituais que acende em torno. O homem que ora traz consigo inalienável couraça. O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza [...]” (André Luiz, <i>Os mensageiros</i>, cap. 37).</p>				
<p>SLIDE OU CARTAZ 04 HONRAR PAI E MÃE “Honrar a seu pai e a sua mãe, não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco, na infância. [...] (Allan Kardec, <i>O Evangelho segundo o espiritismo</i>, cap. 14, item 3).</p>	<p>10’</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Convidar os jovens para analisar a música “Nossa Família” da Banda Nova Luz. - Comentar com os jovens que a letra da música nos leva a refletir que a “base para nossa vida é o convívio familiar. - Finalizar com o conteúdo doutrinário - Prece final 	<p>música “Nossa família” Notebook, caixa de som Slide ou cartaz com o conteúdo doutrinário.</p>	<p>Separar música, notebook, caixa de som Elaborar slide ou cartaz e separar material devido para determinados recursos</p>

INSTITUTO DO JOVEM

Casos do estudo em grupo:

GRUPO VERDE - O GRITO DE CÓLERA

“Lembra-se do instante em que gritou forte-mente, antes do almoço?

Por insignificante questão de vestuário, você pronunciou palavras feias em voz alta, desrespeitando a paz doméstica.

Ah! meu filho, quantos males foram atraídos por seu gesto de cólera!...

A Mamãe, muito aflita, correu para o interior, arrastando atenções de toda a casa. Voltou-lhe a dor-de-cabeça e o coração tornou a descompassar-se.

- As duas irmãs, que cuidavam da refeição, dirigiram-se precipitadamente para o quarto, a fim de socorrê-la, e duas terças partes do almoço ficaram inutilizadas.

Em razão das circunstâncias provocadas por sua irreflexão, o papai, muito contrariado, foi compelido a esperar mais tempo em casa, chegando ao serviço com grande atraso.

Seu chefe não estava disposto a tolerar-lhe a falta e recebeu-o com repreensão áspera.

Quem o visse, erecto e digno, a sofrer essa pena, em virtude da sua leviandade, sentiria compaixão, porque você não passa de um jovem necessitado de disciplina, e ele é um homem de bem, idoso e correto, que já venceu muitas tempestades para amparar a família e defendê-la. Humilhado, suportou as consequências de seu gesto impulsivo, por vários dias, observado na oficina qual se fora um menino vadio e imprudente.

Os resultados de sua gritaria foram, porém, mais vastos.

A Mãezinha piorou e o médico foi chamado. Medicamentos de alto preço, trazidos à pressa, impuseram vertiginosa subida às despesas, e o papai não conseguiu pagar todas as contas de armazém, farmácia e aluguel de casa.

Durante seis meses, toda a sua família lutou e solidarizou-se para recompor a harmonia que-brada, desastrosamente, por sua ira infantil.

Cento e oitenta dias de preocupações e trabalhos árduos, sacrifícios e lágrimas! Tudo por-que você, incapaz de compreender a cooperação alheia, se pôs a berrar, inconscientemente, recusando a roupa que lhe não agradava.

Pense na lição, meu filho, e não repita a

Todos estamos unidos, reciprocamente, através de laços que procedem dos desígnios divinos. Ninguém se reúne ao acaso. Forças superiores impelem-nos uns para os outros, de modo a aprendermos a ciência da felicidade, no amor e no respeito mútuos.

O golpe do machado derruba a árvore de vez.

A ventania destrói um ninho de momento para outro.

A ação impensada de um homem, todavia, é muito pior.

O grito de cólera é um raio mortífero, que penetra o círculo de pessoas em que foi pronunciado e aí se demora, indefinidamente, provocando moléstias, dificuldades e desgostos.

Porque não aprende a falar e a calar, a benefício de todos?

Ajude em vez de reclamar.

A cólera é força infernal que nos distancia da paz divina.

A própria guerra, que extermina milhões de criaturas, não é senão a ira venenosa de alguns homens que se alastra, por muito tempo, ameaçando o mundo inteiro. (Alvorada Cristã, Neio Lúcio, p. 25)

GRUPO AMARELO - FILHA REBELDE

“- Minha filha- dizia dona Matilde à Emilinha -, é preciso atender ao problema espiritual, orientar o sentimento à luz do Cristo. A existência terrestre oferece surpresas inúmeras e almas desprevenidas costumam cair, desastrosamente. Não podemos prescindir da vigilância.

A jovem, depois de gargalhar ironicamente, replicava:

- Ora, mamãe, não necessito de sermões encomendados. Esteja tranqüila. Seus conselhos são muito antiquados e talvez desconheça a senhora as reviravoltas do mundo. Suas observações são descabidas e, além disso, sou dona de minha vontade, faço o que entendo.

INSTITUTO DO JOVEM

- Sim, Emilinha – tornava a mãe paciente -, sei que você é senhora de si, mas o cuidado materno obriga-me a esclarecê-la, ainda que você, presentemente, não me possa aceitar as opiniões. Quem é mãe sofre muito por desvelar-se junto dos filhos...

- Por que teima em sofrer? – exclamava a interlocutora, cortando-lhe a palavra. – Estamos na época de aniquilamento do passadismo.

Como a nobre genitora enxugasse os olhos em pranto, observava rebelde:

- Não precisará desfiar o rosário de lágrimas. Para que?

Era assim a situação entre dona Matilde e a moça altaneira. A generosa senhora, dedicada servidora do Cristo, já não sabia como proceder. Viúva, com três filhas solteiras, desvelava-se, carinhosa, para que lhes não faltasse o necessário. Privava-se de satisfações próprias, sujeitava-se ao trabalho mal remunerado, desequilibrava a saúde pelo excesso de atividade nas obrigações diárias, substituindo a falta do esposo e atendendo ao próprio dever. Se Eulália e Cassilda, as duas filhas mais novas, de alguma sorte lhe compreendiam os sacrifícios; Emilinha, a mais velha, tratava-a rudemente, sem a menor consideração. Criticava-lhe os mínimos gestos. Dona Matilde raramente se dava o prazer de palestrar com as visitas. Eram tão ásperas as intromissões da filha, tão grosseiros os seus modos, ante a presença de estranhos, que a nobre senhora se mantinha em silêncio, humilhada. Se comentava o dever, referia-se Emilinha a conceitos modernos da vida; se aventurava uma opinião inocente em qualquer assunto, tratava a filha de se mostrar superior.

Quando voltava dona Matilde das reuniões evangélicas, reportando-se às consolações e ensinamentos recolhidos, convertia-se a jovem num elemento escarnekedor.

- Ora, mamãe, - dizia sarcástica -, com que então a senhora se consagrou à Teologia? Já não fala senão em assuntos de religião...

- Ah! Minha filha – replicava a genitora, cuidadosa na fé -, não sorrias da verdade para que ela, mais tarde, não venha sorrir de ti. Lembra-te de nossos imperiosos deveres para com Jesus.

Após riso mordaz, a filha revidava:

- A senhora adquiriu maneiras de sacerdote. Não concordo com suas teorias de sobrevivência e reencarnação.

E lembrando, enfática, as revistas científicas que costumava compulsar, por vaidade, concluía presunçosamente:

- Não passamos de experiência biológica da Natureza no campo da racionalidade humana. O resto é ilusão, que devemos relegar ao fanatismo religioso.

A viúva, a principio, discutia e argumentava, esclarecendo-a com a verdade espiritual, mas, observando o endurecimento da filha, retraiu-se, pouco a pouco, dando-lhe o exemplo da própria ação e abstendo-se de muitas palavras.

E Emilinha fez no mundo o que lhe pareceu melhor, nos domínios do capricho e da irreflexão criminosa, contraindo pesados débitos e agravando responsabilidades, surda às advertências maternas.

Emilinha, porem, agora afastada do grupo familiar, experimentava rudes provações em círculo de sombras. Era frequentemente visitada pela mãezinha generosa, mas não lhe identificava a presença, nem lhe ouvia a voz encorajadora, por trazer a mente absorvida por negras visões e vozes angustiadas.

Anos correram, quando dona Matilde deliberou voltar à esfera carnal, em continuação do seu plano de serviço redentor. A filha penitente ficaria doravante, sem seu amparo direto. Meditando a situação, a devotada genitora implorou recursos novos. Não desejava mostrar-se insensível e, além do mais, Emilinha, sempre desajuizada, era a filha que mais necessitava dos desvelos maternos. E, ali, na paisagem tenebrosa, ante os padecimentos de ingrata, a nobre criatura intercedeu fervorosa, empenhando o coração.

A resposta divina não se fez esperar. Emilinha deslumbrada reviu a mãezinha pela primeira vez.

Indescritível o contentamento de ambas. Beijaram-se com o júbilo das profundas ansiedades, longamente reprimidas.

Após confortar-lhe a alma ulcerada, dona Matilde deu-lhe a conhecer o projeto em organização.

Regressaria à Terra, começaria as tarefas inacabadas do processo de redenção que lhe dizia respeito.

Emilinha ouviu inquieta, e considerou:

- Mamãe, a senhora me aceitaria, de novo, ao seu lado?

- Como não, minha filha? – replicou a entidade amorosa. – Se permitir o Senhor, reconstituiremos o nosso velho lar, voltando a paisagem de outro tempo.

INSTITUTO DO JOVEM

- Prometo compreende-la – acrescentou a filha em pranto.

- Rogaremos essa bênção – falou a genitora, beijando-a, carinhosa.

Nesse instante, fez-se visível o generoso diretor espiritual daquela região de sofrimento retificador. Cumprimentou dona Matilde atenciosamente, enquanto Emilinha se lhe rojava aos pés, rogando, comovida:

- Emissário de Jesus, que me conheceis os padecimentos, ajudai-me para que eu possa voltar à Terra, em companhia de minha mãe. Regressará ela aos círculos da carne e, se concordardes, poderei segui – lá, prontificando-me a permanecer no serviço, até que ela possa receber, novamente, nos braços maternos... Pelo amor de Deus, permiti a minha volta!

A sábia entidade contemplou-a, fraternalmente, e falou:

- No momento, minha irmã, não lhe será possível retirar-se daqui. Ainda precisará desgastar, por alguns anos, os envoltórios inferiores que criou em torno de si mesma. Seus atuais veículos de manifestação não lhe permitem, por enquanto, a vida em zona menos pesada que essa. No entanto, mais tarde, poderá voltar a viver ao lado de Matilde, receber-lhe o verbo carinhoso e ouvir-lhes os conselhos cristãos.

Emilinha, que não cabia em si de contente, elevou as mãos ao Céu e exclamou:

- Graças a Deus!

O diretor espiritual, contudo, retomou a palavra e terminou:

- Não poderá, todavia, voltar à situação de parentesco que já passou. Não tem títulos de serviços prestados que a autorizem, agora, regressar como filha de Matilde, mas retornará você ao mundo, como criada humilde da sua residência, para que, na verdadeira condição de obediência, aprenda a valorizar o tesouro que Deus lhe concedeu. (Irmão X, Pontos e contos, cap. 34).

GRUPO AZUL - A FAMA DE RICO

“O coronel Manoel Rabelo, influente fazendeiro no Brasil Central, fora acometido de paralisia nas pernas. Vivia no leito, rodeado pelos filhos atentos. Muito carinho. Assistência contínua.

No decurso da doença veio a conhecer a Doutrina Espírita, que lhe abriu novos horizontes à vida mental.

Pouco a pouco desprendia-se da idéia de posse.

Para que morrer com fama de rico?

Queria agora a paz, a bênção da paz.

Viúvo, dono de expressiva fortuna e prevendo a desencarnação próxima, chamou os quatro filhos adultos e repartiu entre eles os seus bens.

Terras, sítios, casas e animais, avaliados em seis milhões de cruzeiros, foram divididos escrupulosamente. Com isso, porém, veio a reviravolta.

Donos de riqueza própria, os filhos se fizeram distantes e indiferentes.

Muito embora as rogativas paternas, as visitas eram raras e as atenções inexistentes.

Rabelo, muito triste e quase completamente abandonado, perguntava a si mesmo se não havia cometido precipitação ou imprudência.

Os filhos não eram espíritas e mostravam irresponsabilidade completa.

Nessa conjuntura, apareceu-lhe antigo e inesperado devedor. O Coronel Antônio Matias, seu amigo da mocidade, veio desobrigar-se de empréstimo vultuoso, que havia tomado sob palavra, e pagou-lhe dois milhões de cruzeiros em cédulas de contado.

Na presença de dois filhos, Rabelo colocou o dinheiro em cofre forte, ao pé da cama.

Sobreveio o imprevisto.

Os quatro filhos voltaram às antigas manifestações de ternura. Revezavam-se junto dele.

Papas de aveia. Caldos de galinha. Frutas e vitaminas.

Mantinhavam os cobertores quentes e fiscalizavam a passagem do vento pelas janelas.

Raramente Rabelo ficava algumas horas sozinho.

E, assim, viveu ainda dois anos, desencarnando em grande serenidade.

Exposto o cadáver à visitação pública, fecharam-se os filhos no quarto do morto e, abrindo aflitadamente o cofre, somente encontraram lá um bilhete escrito e assinado pela vigorosa letra paterna, entre as páginas de surrado exemplar de “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

INSTITUTO DO JOVEM

O papel assim dizia:

“Meus filhos, Deus abençoe vocês todos.

O dinheiro que me restava distribuí entre vários amigos para obras espíritas de caridade.

Lego, porém, a vocês, o capítulo décimo quarto de “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

E os quatro, extremamente desapontados, leram a legenda que se seguia:

“Honrai a vosso pai e a vossa mãe. — Piedade filial.” (Hilário Silva, Almas em desfile, cap.01)

GRUPO VERMELHO - REBELDIA

“O pequeno rebelde amava a Mãezinha viúva com entranhado amor; entretanto, iludido pela indisciplina, dava ouvido, aos conselhos perversos.

Estimava a leitura de episódios sensacionais, em que homens revoltados formam quadrilhas de malfeitores, nas cidades grandes, e, a qualquer pá-gina edificante, preferia o folhetim com aventuras desagradáveis ou criminosas. Engolfou-se em tan-tas histórias de gente má que, embora a palavra materna o convidasse ao trabalho digno, trazia sem-pre respostas negativas e rudes na ponta da língua.

— Filho — exclamava a senhora paciente —, homem de bem acomoda-se no serviço.

— Eu não! — replicava, zombeteiro.

— Vamos à oficina. O chefe prometeu ceder-te um lugar.

— Não vou! não vou!...

— Mas já deixaste a escola, meu filho. É tempo de crescer e progredir nos deveres bem cumpridos.

— Não fui à escola, a fim de escravizar-me. Tenho inteligência. Ganharei com menor esforço.

E enquanto a genitora costurava, até tarde, de modo a manter a casa modesta, o filho, já rapaz, vivia habitualmente na rua movimentada. Tomava alcoólicios em excesso e entregava-se a companhias perigosas que, pouco a pouco, lhe degradaram o caráter.

Chegava a casa, embriagado, altas horas da noite, muita vez conduzido por guardas policiais.

Vinha a devotada Mãe com o socorro de todos os instantes e rogava-lhe, no outro dia:

— Filho, trabalhemos dignamente. Todo tempo é adequado à retificação dos nossos erros.

Atrevido e ingrato, resmungava:

— A senhora não me entende. Cale-se. Só fala em dever, dever, dever...

A pobre costureira pedia-lhe calma, juízo e chorava, depois, em preces.

Avançando no vício, o rapaz começou a às escondidas. Assaltava instituições comerciais, onde sabia fácil o acesso ao dinheiro; e quando a Mãezinha, adivinhando-lhe as faltas, tentou aconselhá-lo, gritou:

— Mãe, não preciso de suas observações! Deixá-la-ei em paz e voltarei, mais tarde, com grande fortuna. Dar-lhe-ei casa, roupa e bem-estar com fartura. A senhora tem o pensamento preso a obri-ções porque, desde cedo, vem atravessando vida miserável.

Assim dizendo, fugiu para a via pública e não regressou ao lar.

Ninguém mais soube dele. Ausentara-se, defi-nitivamente, em direção a importante metrópole, alimentando o propósito de furtar recursos alheios, de maneira a voltar muito rico ao convívio maternal.

Passou o tempo.

Um, dois, três, quatro, cinco anos...

A Mãezinha, contudo, não perdeu a esperança de reencontrá-lo.

Certo dia, a imprensa estampou nos jornais o retrato de um ladrão que se tornava famoso pela audácia e inteligência.

A costureira reconheceu nele o filho e tocou para a cidade que o abrigava.

A polícia não lhe conhecia o endereço e, porque fosse difícil localizá-lo rapidamente, a senhora tomou -quarto num hotel, a fim de esperar.

Na terceira noite em que aí se encontrava, notou que um homem embuçado lhe penetrava o aposento às escuras. Aproximou-se apressado para surripiar-lhe a bolsa. Ela tossiu e ia gritar por socorro, quando o ladrão, temendo as conseqüências, lhe agarrou a garganta e estrangulou-a.

Nos estertores da morte, a costureira reconhe-ceu a presença do filho e murmurou, debilmente:

— Meu... meu... filho...

Alucinado, o rapaz fez luz, identificou a Mãezinha já morta e caiu de joelhos,

INSTITUTO DO JOVEM

gritando de dor selvagem.

A desobediência conduziu-o, progressivamente, ao crime e à loucura.” (Neio Lúcio, Alvorada Cristã, cap. 06).

